



Foto: PauloEduardodeMelo

O quanto pode a olericultura urbana?

Cultivar hortaliças em áreas urbanas não é novidade. Na Europa medieval os castelos, as *urbes* naquele tempo, já possuíam seus jardins de ervas. Em países densamente povoados, a sobrevivência de todos sempre foi garantida através do cultivo de qualquer área agricultável, incluindo áreas urbanas. No Brasil de outrora, as hortaliças se sucediam no fundo dos quintais (de casas e de aldeias, também estas, *urbes*, a seu tempo e história), diversificadas em uma constelação de espécies, muitas hoje esquecidas, cada qual com seu sabor peculiar, seu valor nutritivo, seu poder terapêutico. O que há de novo então no cultivo de hortaliças em espaços urbanos? A inovação está no potencial dessa atividade como auxiliar na solução de dois dos mais siameses problemas da humanidade: a fome (oculta ou evidente) e a pobreza. Mas, o que pode a olericultura urbana contra esses males?

Falemos do Brasil, ainda que nesse retrato quase todo o Mundo se pareça. Aqui, o acesso aos alimentos em quantidade e qualidade adequadas (Segurança Alimentar), é crítico em regiões menos desenvolvidas e nas periferias das grandes cidades, inchadas por milhões de brasileiros vindos da zona rural. Males causados pela desnutrição ou pela má-nutrição, de tão generalizados já consti-

tuem problemas de saúde pública. E não deixemos de atribuir à fome, a sua parcela de responsabilidade na mortalidade infantil, nos neonatos de baixo peso, na suscetibilidade a doenças, na dificuldade de aprendizado e repetência escolar, na baixa eficiência do trabalho, etc., etc. e etc. Dando nome e endereço a esse retrato, encontra-se, no Entorno de Brasília, o município de Santo Antônio do Descoberto (GO). Santo Antônio contribui com 50 mil habitantes (95% na zona urbana), para os quase três milhões de pessoas que hoje vivem na região geoeconômica da capital federal. A maioria da população de Santo Antônio está abaixo da linha de pobreza (menos de 0,5 salário mínimo *per capita*). Os indicadores sociais da cidade sugerem uma comunidade carente de ações de cidadania, incluindo aquelas relativas à segurança alimentar. Em face a essa realidade, iniciou-se um projeto de produção de hortaliças em uma horta urbana comunitária. O projeto envolve atualmente 25 famílias, a cada uma tocando um talhão de cerca de 300 m². Um ano após o início do projeto, o quanto pôde a olericultura urbana em favor dessas famílias?

Em relação ao hábito alimentar, as famílias envolvidas no projeto incorporaram à dieta o consumo diário de duas ou três diferentes hortaliças! Mas, quais hortaliças? No início do projeto, o interesse das famílias, seja para consumo, seja para venda, se concentrava em nada além de seis hortaliças: alface crespa, couve-comum, cebolinha e coentro (cheiro-verde), jiló e quiabo. Um ano após, D^{ma} Francisca Souza, uma das hortelãs envolvidas no projeto cultiva, consome e vende abobrinha, alface crespa e americana, alho, berinjela, cenoura, cebolinha e coentro, couve-brócolos, couve-comum, couve-flor, erva-doce, espinafre, jiló, maxixe, pepino, pimentão, quiabo, rabanete e repolho. Além da diversidade, merecem nota também a qualidade das hortaliças e a produtividade alcançada. A horta urbana alterou também o consumo de outros alimentos, em vir-

tude do aumento de até 35% na renda familiar proporcionado pela comercialização dos excedentes. Foi o que aconteceu com o hortelão Marcelo Duarte, que ao lado da esposa e dos dois filhos, passou a consumir mais carne, mais arroz e mais feijão. Segundo ele, “os meninos, agora, estão muito mais bonitinhos”.

Os resultados alcançados na curta vida do projeto até aqui não devem porém criar a ilusão da facilidade. Cultivar hortaliças não é uma atividade leve. Muito ao contrário, demanda dedicação, talento e vocação. Por isso, boa parte do sucesso dos novos hortelãos de Santo Antônio do Descoberto se deve à sua enorme disposição em trabalhar com as hortaliças. Até chegarmos ao grupo de hoje, foram várias as desistências e as substituições. Quando não há inclinação para a olericultura, tudo parecerá lento, trabalhoso e difícil. Esse aspecto não deve ser menosprezado.

Somam-se aos desafios inerentes ao cultivo de hortaliças, algumas outras dificuldades específicas do ambiente urbano. Os furtos são comuns em hortas urbanas. Seus maiores prejuízos? O sentimento de violação da horta (uma extensão do lar) e o desânimo causado pela impossibilidade de colher o que foi cultivado, ainda que um único pé de alface! Além disso, por descuido ou de propósito, os ladrões sempre danificam, por pisoteio ou simples destruição, um volume de hortaliças muito maior do que o que levam.

O acesso a água de qualidade e com custo reduzido (inclusive para irrigação) é outra grande dificuldade das hortas urbanas. Nenhuma horta deveria ser instalada antes que esse aspecto fosse cuidadosamente considerado. É preciso ter em vista também a sustentabilidade econômica e ambiental da horta urbana (um espaço limitado e intensamente explorado) no longo prazo. Para tanto, é necessário manejar adequadamente os recursos naturais, em especial o solo e a água, e garantir recursos, que podem advir da comercialização da produção, para a continuidade da atividade. Nesse contexto, a adubação deve

ser utilizada também com o objetivo de construir a fertilidade do solo. Isto permitirá a redução gradativa do uso de fertilizantes (orgânicos ou não), em geral tão intenso e dispendioso na produção de hortaliças, e promoverá a independência dos produtores de recursos externos. Também é fundamental conservar o solo. Para tanto, os hortelãos de Santo Antônio adotaram práticas de manejo que ao mesmo tempo melhoraram a qualidade do solo e propiciaram rendimento econômico, como, por exemplo, a adubação verde em consórcio com hortaliças.

Um último aspecto a ser considerado é o fato de muitas hortas urbanas serem também comunitárias. Isso significa que pessoas diferentes, com comportamentos e expectativas distintas, irão compartilhar seu tempo em um espaço físico restrito. Ali, as afinidades irão aproximar alguns em detrimento de outros. Haverá solidariedade, mas haverá também competição. Nascerá um sentimento de associativismo, mas não para com todos. Administrar esses sentimentos, além dos nossos (já que também somos humanos) é sempre mais difícil que parece e é um ponto-chave para o sucesso da empreitada. Não se deve esquecer que, sobretudo, a horta urbana é feita por gente! (O projeto Horta Urbana de Santo Antônio do Descoberto é financiado pelo CNPq).

**(Paulo Eduardo de Melo,
Marina Castelo Branco,
Flávia A. de Alcântara,
Henoque Ribeiro da Silva,
Embrapa Hortaliças, E-mail:
paulo@cnpq.embrapa.br)**